

Entre a correria dos retardatários nas compras de Natal, a pregação religiosa e os programas alternativos do centro



Fotos: Matute Mayezo

Muita gente nas ruas centrais, mas são poucos os pacotes de presentes.

O desvario natalino, da República à praça da Sé

ADILSON NUNES





Roupas: junto com sapatos, as peças mais vendidas na cidade.



Músico de rua: aproveitando o "espírito natalino" da população.

Depois dos pacotes econômicos do governo, as pessoas já não carregam mais tantos pacotes de presentes, nas ruas do centro comercial, como em anos anteriores. Todos, invariavelmente, reclamam da alta do custo de vida, resumindo a realidade numa frase: "O dinheiro é pouco e as coisas estão muito caras". Velhos e moços dizem que só conseguem comprar uma lembrancinha para os familiares e mais chegados através do infalível jeitinho brasileiro.

Em meio a todo o burburinho natalino da cidade, reentrou em cena no sábado pela manhã, nas imediações do Teatro Municipal e Viaduto do Chá, o grupo Tradição, Família e Propriedade (TFP) com uma enorme equipe de adeptos. Munidos de estandartes e megafones, eles sobrepujavam os gritos dos bilheteiros de loteria e sorteios, assim como dos marreteiros, que vendiam desde folhas de papel para presentes até autênticos cães vira-latas.

Em frente ao Mappin, enquanto abordavam as pessoas, os membros da TFP repetiam suas já conhecidas palavras-de-ordem contra o comunismo, e pediam que as pessoas fizessem doações para o "Natal dos pobres do Nordeste". Do meio da multidão, às vezes ouviam-se gritos: "Fascistas!".

Mas o que provocou risos foi o humor negro de um office-boy que ao ser assediado gritou: "Sai de mim, Jim Jones!".

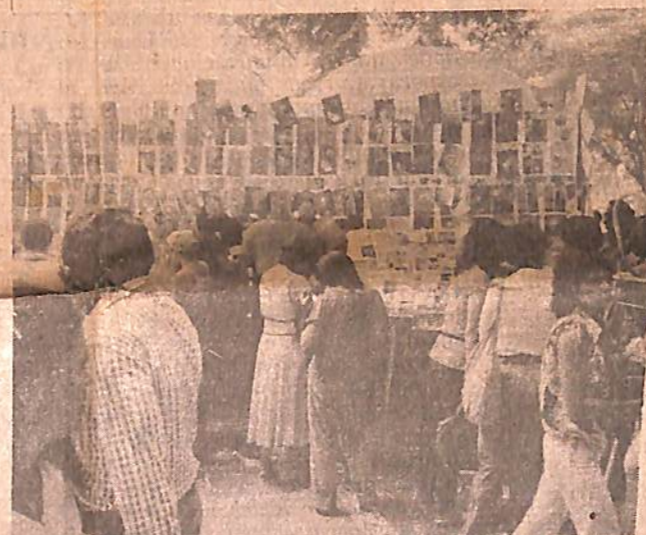
Indiferente à TFP, um vendedor de loteria fazia apologia dos seus últimos bilhetes de Natal, tentando sobrepor-se à amplificação das vozes megafônicas, com seu refrão: "33 é a cobra, quem vai levar? Vai dar cobra".

Mais preocupadas com a compra de coisas úteis como roupas e sapatos, do que propriamente com presentes, supérfluos, as pessoas se chocavam na rua Direita, tão salpicada de papéis picados como todas as outras ruas do centro velho e novo. Mas ali, a loucura do fim de ano estampava-se mais nitidamente: crianças chorando, perdas dos pais; balconista entornando a xícara de café no colega, para olhar a gatinha que passava rebolando dentro de um collant vermelho; mãe e filho esparramados no chão a pedirem esmolas para os transeuntes; discotecas a todo volume, mas sem tocarem músicas natalinas. Na verdade, Roberto Carlos (a Cr\$260,00 o disco) era o recordista de execuções e de vendas.

Nas livrarias, os poemas de Pablo Neruda e Vinícius de Moraes disputavam a primazia das vendas com romances e crônicas de Ivan Angelo (A Casa de Vidro); Rubens Fonseca (O Cobrador); Flávio Rangel (Seria (Cômico se não Fosse Trágico) e a literatura de Chico Buarque com a Ópera do Malandro e o livro infantil Chapeuzinho Amarelo.



Postados no Viaduto do Chá, os membros da TFP chamavam o público.



Dar cartões de Natal: a única opção para muita gente.



Entre as atrações que o centro está oferecendo, um presépio.



Em meio a tanta agitação, houve quem preferisse o descanso.



Bijuterias e quinquilharias no centro: para todos os gostos.

Do outro lado, no Largo do Paissandu, alguns homens começaram a montar no sábado, o estande que abrigará "Silk, o faquir". Ele tentará um feito inédito: bater seu próprio recorde mundial de 115 dias e noites sem comer, deitado sobre 1500 pontas de pregos e rodeado de serpentes, num desafio às leis da natureza, como diz o cartaz afixado no local. A tentativa do faquir terá início dia 5 de janeiro.

Enquanto isso, muitos vão matando a curiosidade contemplando as sessões intermitentes de outro "Natal": "O Palácio das Diversões", na praça Júlio de Mesquita. Para este fim de ano foi programado um menu requintado de strip-teases, que vai da hora do almoço à hora da ceia. Os voyeurs, menos afeitos a outros cardápios natalinos, mas chegadoinhos em nus femininos, por certo irão até de babador para as apresentações de "Com mulher é de colher", ou então "Tem cuscus no menu".



Na esperança de um ano melhor, bons negócios para os bilheteiros.



O movimento de compras era intenso em todo o calçadão.

24 / 12 / 79º 953

Ele se declara, com orgulho, o maior promotor da música brasileira na França

GEORGE MOUSTAKI

“Agora vou atacar de xaxado, frevo e maracatu”

● **GEORGE MOUSTAKI** não pensou duas vezes, quando recebeu convite da Gaumont para rever o Rio, São Paulo, Brasília e Bahia. Aceitou na hora, suspendendo todos os demais compromissos, pois “assim teria condições de rever os muitos amigos que tenho por aqui. Tornar a me enriquecer com os contatos com os músicos brasileiros e, principalmente, rever este gênio da literatura mundial que é Jorge Amado”, ele acrescenta, num português sem erros de concordância, com pouco sotaque, que é fruto das muitas visitas que fez ao Brasil, nos últimos oito anos. Neste período, a sua música, Moustaki confessa, sofreu uma grande transformação. “Tornou-se mais bela, rica em sonoridade, influenciada que foi com o som brasileiro de Gilberto Gil, Chico Buarque, Milton Nascimento, Caetano Veloso, Vinícius de Moraes, Tom Jobim, Toquinho e muitos outros. Mas não foi só a minha música que saiu lucrando. A minha cuca também se beneficiou, já que Jorge Amado abriu as portas da sua casa, em Salvador, para que nela eu entrasse e absorvesse uma gama de conhecimentos sobre o Brasil, incapaz de ser aprendida em qualquer universidade”, prossegue Moustaki. Por isso, na França, onde reside, e na Grécia, onde nasceu, ele fez questão de citar as influências recebidas no Brasil. Com isso, gradativamente, as portas do mercado discográfico francês foram se abrindo para a música brasileira. O nível da música de Moustaki era um salvo-conduto. “Quando as mudanças aconteceram,

alguns estranharam, achando que estava fazendo algo diferente. A maioria, porém, saudou com entusiasmo meu novo campo de trabalho. Meus discos passaram a ocupar excelentes posições nas paradas e as vendas subiram. Vendo tantos resultados positivos, resolvi aprofundar minhas pesquisas, voltando mais e mais vezes ao Brasil. Aprendi o português e me tornei um pouco brasileiro. Em nenhum outro local do mundo encontrei tanto calor humano como no Brasil. Não presenciei, também, tantos compositores trabalhando juntos, desprezando a competição, que mata qualquer projeto saudável, como por aqui. Existe uma afinidade muito grande entre os compositores brasileiros. Não existem conflitos entre Chico, Milton, Caetano, Gil, Vinícius, Toquinho e outros grandes compositores brasileiros. É esta unidade que torna a música brasileira rica e marcante”, revela Moustaki. Como a fonte se mostra inesgotável, ele diz que pretende desenvolver seu trabalho de pesquisa e observação para outros gêneros musicais brasileiros. “É de se crer, então, que, dentro de mais alguns anos, poderemos ver franceses e gregos querendo dançar o xaxado, tentando saber o que é maracatu ou mexendo o seu corpo ao som de um frevo rasgado. Tudo é possível, estando George Moustaki na jogada. (Tarlis Batista)

Ele aproveitou o convite da Gaumont para rever os amigos no Rio e visitar Jorge Amado, em Salvador. Nos planos futuros existe a possibilidade de transar com o xaxado, maracatu, frevo e outros gêneros musicais brasileiros.



Alexandre Cavalcanti

George Moustaki, na foto com a atriz francesa Maria-José Nat, é um embaixador da música brasileira na França, onde mora, e na Grécia, onde nasceu.



Alexandre Cavalcanti



Indalécio Wanderley

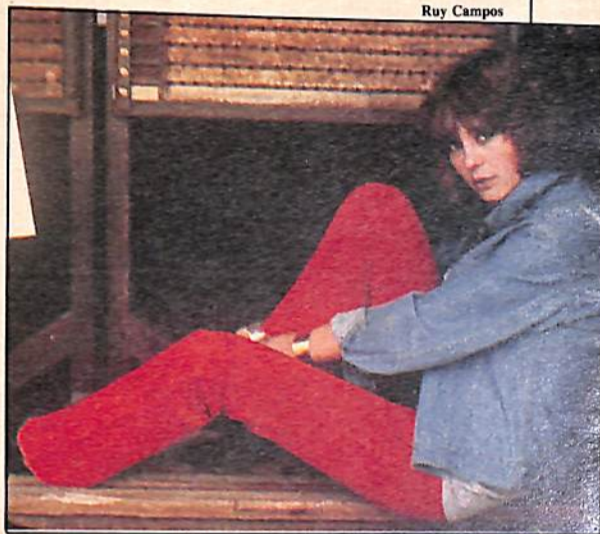
O charme de Darcy, a classe de Ira e o talento de Milton

Darcy Aleixo é um dos motivos pelos quais o novo filme de Alberto Pieralisi — *O Amante de Minha Mulher* — promete fazer sucesso: basta atentar para a graça e o charme da moça. Outras boas razões são a presença da princesa Ira de Furstemberg no elenco (na foto menor com Milton Moraes) e a experiência de Pieralisi, um veterano cineasta com passagens pelo neo-realismo italiano e pela fase veracruziana do cinema brasileiro.

O conto de fadas vivido por Nadine e Mick Jagger

Como num conto de fadas, Nadine Expert, esta parisiense de 20 anos, foi descoberta por Mick Jagger, líder dos Rolling Stones, quando aguardava o momento de pegar seu avião num aeroporto europeu. Ele a lançou como manequim, para ganhar experiência, e depois incentivou a gravação de seu primeiro compacto. *Excuse me, monsieur* é o nome do novo LP da cantora.

Ruy Campos



Microônibus ecológico é movido a bateria

Este microônibus movido a 30 baterias recarregáveis de seis volts cada, tão silencioso quanto o metrô e inofensivo para o ar quanto o bonde, é uma alternativa para o transporte coletivo em São Paulo. Os primeiros testes foram realizados semana passada na Cidade Universitária, e nenhum problema foi registrado. Produzido em série, a partir de 1981, cada um custará aproximadamente 1,5 milhão de cruzeiros. (Mário Bueno de Oliveira).

Ruy Campos



Ruy Campos

CIDINHA CAMPOS

SENSACIONAL

Luis Palma



Campeoníssima de audiência no rádio carioca, apontando erros e tentando soluções. Mas há também a parte *folclórica*, com reportagens, musiquinhas etc.

“Acho que sou uma pessoa de muita sorte, mas m-u-i-t-a sorte mesmo. Quando tudo parece perdido, me aparece uma coisa melhor”



Nos livros, o lazer; nos tempos de pernas de fora, na tevê, a entrevista direta e reveladora com gente como Araci de Almeida. "Eu amo meu programa."

Ela não deixa por menos: seu programa é o melhor do rádio brasileiro. E tem lá suas certezas: a de que quem é classe A ouve FM; mas o que ela quer mesmo é estourar em Nova Iguaçu. Define-se: não faz um programa popular, mas direto, objetivo, onde o povo bota a boca no trombone, reclama de tudo a que tem direito. "Eu estou levando a abertura a sério; mesmo antes dela, nunca tive problemas com a censura, e trabalhando numa rádio do governo."

Um dia, uma menina cega foi ao seu programa na Rádio Tupi do Rio. Quatro meses depois voltou enxergando, sem óculos. O médico que poderia salvá-la pediu 70 mil cruzeiros pela operação. O pai não ia ter, nunca. E ela foi operada, de graça, no Hospital Jesus, através de uma carta de Cidinha Campos. "Eu não faço isso pra ganhar voto, não. Não sou candidata a nada, faço isso porque acho bonito fazer. Hoje ganhei uma jaca, uma tremenda jácona, que o menino mal conseguia carregar. Só porque consegui uma escola pra ele estudar. E eu apenas encaminho as pessoas. O que mata é a ignorância. Eles não sabem a quem recorrer."

Por essas e outras, ela ama seu programa, acima de (quase) todas as coisas.

● Cá entre nós e o resto: você está com disenteria, né?

O pior é que você publica essas coisas, né? Isso é que dói!

Dói é o contrário, prisão de ventre.

Vamos mudar de assunto? Deixa eu dar uma espiadinha nessa novela, porque senão amanhã não tenho... você já ouviu meu programa na Rádio Tupi?

Não. Porque você nunca falou de mim, que sou um artista, além da minha vida ser uma novela...

... falei... tá vendo como você é injusto? Falei, no dia seguinte que agente se encontrou na casa da Alcione, no aniversário dela...

... e você anda fazendo ginástica pra quê?

Pra não cair.

Estás a perigo?

Aos 37 anos, sabe-se lá...

... você sente os 37?

Não. Mas as pessoas fazem questão de lembrar a idade que você tem. Tem até aquelas que fazem questão de dizer que você tem muito mais. Uma vez, em Botucatu, uma velhinha, de bengala e tudo, juro por Deus, se chegou a mim e disse que nós tínhamos sido colegas, na mesma escola... ela devia ter uns 70 anos... daí eu disse: "A senhora devia ser a diretora e eu estava no maternal." É que todo mundo quer envelhecer muito a gente. Então, chega uma certa idade a gente...

... e na cabeça?

Nada... minha filha acha até que eu sou um pouco escandalosa, me pede pra tirar certas roupas espalhafatosas... eu queria comprar uma moto, agora ela proibiu...

... porque moto?

Economia de combustível, poxa. Eu trabalho lá em Santo Cristo.

Mas não adianta sonhar, nem economizar. Sua filha...

... Carolina...

... não quer... o tempo passou na janela e só Carolina não viu...

... acho que ela tem medo que me aconteça alguma coisa...

... e se ela deixasse, você andaria de capacete ou sem?

De capacete.

Mas o quente é andar sem... cheveu au vent... perigosamente audaz...

... acho mais burrice do que audácia...

... o quê? Quebrar a cabeça?

Cabeça de motoqueiro não tem cura. Só que existem dois tipos de motoqueiro: o de índole e o de necessidade.

Por índole, o que é que você é? Radialista?

Também por necessidade. Profissionalmente eu sou tudo por necessidade. A grande mola que me mexe é a necessidade, necessidade econômica, necessidade de vencer, de me autoafirmar... as coisas mais importantes que fiz, as que deram mais certo, fiz sempre numa crise qualquer.

Eu não sei nada de você...

... é lamentável...

... sintetiza sua vida, em duas ou 16 palavras...

... comecei cantando fado em programa infantil, chamado *Clube Papai Noel*, em São Paulo...

... ah, é, você é portuguesa...

... sou filha de portuguesas...

... e cantava fado aos...

... sete anos... já tenho 30 anos de carreira... sem férias...

... por falar nisso, sabe que eu sou um dos últimos homens que gosta de homem... numa boa, claro...

... acho que todo homem gosta...

... de homem?

Opa!

Principalmente o Bornay, o ...

... não ... homem curte homem, mesmo, gosta de sair, conversar ... mulher é que acha que uma companhia do mesmo sexo não dá resultado ... ela fica sempre pensando na hora de voltar pra casa e encontrar o seu homem...

... meu?

Dela.

Aliás, agora está cada vez mais em moda, mulher sair com mulher e tal.

Sempre estive. Num sentido, agora está mais na cara, mas em outro sempre estive, aquele negócio de chazinho à tarde...

... eu ainda sou da antiga... meio demodée... ortodoxo...

... eu também... coisa rara, você ainda gosta de mulher, né?

Tá é faltando homem na praça.

Porcaria você encontra, muito. Homem mesmo você tem de batalhar, sabe...

... eu, hein!

Eu batalhei adoidado pra conseguir o Ricardo. Não foi fácil.

Mas antes...

... fiz televisão, Teatrinho Trol, apresentação de programa infantil, até ficar mocinha, daí fiz um teleteatro... sempre coisas meio esquisitas, faltou alguém, faz você, aquelas coisas...

CIDINHA CAMPOS

... o que você classifica de *esquisito*?

Minha mãe tem uma frase que diz "gente que não tem sorte nem nasce"... porque são tantos os espermatozoides e um só é que chega lá... e acho que sou uma pessoa de muita sorte, mas m-u-i-t-a sorte mesmo, sabe... quando tudo parece perdido, sempre me aparece uma coisa melhor... quando tá ruim não piora nunca... tem gente que quando tá ruim, piora mais ainda... quando me acontece alguma coisa ruim eu fico até feliz, porque sei que, em seguida, vai acontecer uma coisa muito boa...

... isso não é o tal de *pensamento positivo*?

Pode ser. Mas não é uma coisa estudada, é uma constatação. Depois de muito tempo, as coincidências da minha vida são muito grandes. Nunca aconteceu uma coisa boa que viesse depois de uma boa. Sempre uma coisa muito boa acontece depois de uma coisa muito ruim. Sabe, eu sou *meia* supersticiosa... por exemplo, outro dia, fazendo cálculos de letras de nomes e tal, descobri que meu nome tem 13 letras, tudo que dá certo comigo tem 13 letras... Ricardo Straus tem 13 letras, minha filha tem 13 letras, meu pai, minha mãe, a babá da minha filha, que está com a gente há 10 anos, meu primeiro *show*, com o qual ganhei dinheiro pra burro, tem 13 letras, tudo... e agora eu faço de propósito, porque antigamente era sem querer...

... e eu?

Perafá... re-na-to-ser-gio... tem 12...

(APARECE NA TELEVISÃO, SEM SOM, A FIGURA DO GENERAL HUGO ABREU).

... tá ruim, ele, né?

Morreu.

Morreu? Não brinca! Aumenta aí pra mim. (O LOCUTOR FALA: "A ÚLTIMA ENTREVISTA DO GENERAL HUGO ABREU À REDE GLOBO FOI NA SEMANA PASSADA. DEU SEU DEPOIMENTO PARA A RETROSPECTIVA DOS ANOS 70, FALANDO SOBRE A SAÍDA DELE DA CHEFIA DO GABINETE MILITAR DO GOVERNO GEISEL, NO COMEÇO DO ANO PASSADO.")

Discordou, morreu, meu filho; aqui é assim!

Discórdia foi o problema que você teve com a Hebe Camargo?

Hoje, a distância, eu sei que não houve qualquer problema. Foi até excesso de amor, sabe. Na época fiquei um pouco possessa da minha vida. Na verdade, a Hebe ficou enciumada por eu ter saído do programa dela. Era a parte de maior audiência. Como ela era muito doce, quiseram botar um pouco de sal na coisa. E eu passei a fazer as perguntas que não combinavam com a Hebe. Trabalhamos uns quatro anos e só ficamos estremecidas quando saí para ter meu próprio programa, na mesma emissora, horário nobre e tal. Não foi ciúme, inveja, não. Na época acho que interpretei mal, sabe?

Isso há quanto tempo?

Era na TV Record, ainda, faz muito tempo.

Porque é que você *velo pro Rio*?

Pra fugir de São Paulo. Eu criei um rolo tão grande... já estou aqui há 10 anos, quase 11... eu tive um caso com um cara errado e fui viver com essa pessoa, equivocada pra burro, sem ter certeza se gostava ou não, depois essa pessoa me fez uma safadeza muito grande, dizendo em público que a gente ia pros Estados Unidos pra casar...

... e você *casou*?

A única coisa que eu tenho medo na vida é de casar.

Mas daí...

... daí deu capa de revista *Intervalo*, aquelas coisas, e eu comecei a ter vergonha da minha terra, das pessoas, verdade mesmo, vergonha do meu padeiro, do tintureiro... tentei suicí-

"Quando me acontece alguma coisa ruim eu fico até feliz, porque sei que, em seguida, vai acontecer alguma coisa muito boa"



Falando de homens, só para mulheres, no teatro, foi seu *pulo-do-galo*. Bilheterias altamente fartas. E um recado dado, atravessado na garganta.

dio, como todo mundo sabe...

... eu não sei...

... você também não sabe nada de minha vida, né?

Como é que foi?

Cortei o pulso. (MOSTRA)

Doeu?

Na época, não.

Qual é a exata sensação?

Não sei, porque eu tinha tomado dois pacotes de Kiatrium. Um colega meu tinha morrido, Laerte Garcia Rosa, cinegrafista maravilhoso que viajava o mundo inteiro comigo, fazendo reportagens. E se suicidou com esse mesmo calmante, por amor à Maísa. Ele se apaixonou por ela...

... outros também se apaixonaram por ela e tentaram o suicídio. Ele não foi o único. Era a chamada *femme fatale*...

... e ele era um ingênuo, entrou de boboca na história. Era um *purão*. Um dia eu saí do programa, a Maísa entrou no meu lugar, para me roubá-lo, profissionalmente, entrou no campo do romance. Dois meses depois ele morreu. Segundo consta foi a história de Romeu e Julieta mesmo: ele chegou ao hotel e tinha um bilhete dela dizendo que tinha se matado. Ele acreditou e se matou.

De quem teria sido a culpa?

Eu não julgo ninguém.

Nem Doca Street?

Esse é um cafajeste.

Você o condenaria?

Pro resto da vida. Certa estava aquela mulher que matou o marido dela, o Roberto Lee...

... você seria capaz de matar alguém?

Mas evidente que sim!

Não vejo onde a evidência.

As pessoas são levadas a isso. Pra defender minha filha, por exemplo, eu mato qualquer pessoa.

Você acredita na tal *privação de sentidos*?

Acredito. Mas não na privação de sentidos do Doca. Ele era um traído veterano, com estabilidade, fundo de garantia e tudo. E ela, uma mulher livre, todos sabiam disso, inclusive ele.

E se eu fizesse uma pergunta do tipo indiscreto. Você me jogaria pela janela desta sua simpática cobertura?

Não, mas poderia dar um tapa na sua cara. Eu já bati num jornalista, uma vez, numa cidade do interior de São Paulo, mas você não é o tipo de pessoa, de profissional, que chega a isso.

E ele chegou?

Foi mal-educado. Eu estava com uma febre que já não havia mais termômetro que suportasse, tinha feito três *shows*, e ele me dizendo que tinha vindo de outra cidade só para me entrevistar. Eu disse que estava com um tubo de Novalgina na cabeça, doidona, não conseguia nem falar direito. Ele insistiu, botou o gravador e mandou a primeira pergunta: "Você não tem moral, como é que faz um *show* dando aula pras mulheres?" Daí eu dei uma bofetada nele, assim com as costas da mão; o pior foi que cortei a cara dele, porque eu estava com um anel marroquino em forma de chifre. Foi parar tudo na delegacia...

.. e se eu, por acaso, achasse que você não tem moral?

Nada. É a hora, a pessoa, o tom...

... o *Vinicius*...

(RISADINHA)

... você teve carinho, em criança?

Muito. Só que carinho português, que é um pouco diferente.

Com tamanco.

Minha mãe saía correndo atrás de mim pela rua, tamanco na mão...



Alexandre Cavalcanti



No rádio, no circo, na televisão. Antes e acima de qualquer coisa, uma profissional absolutamente consciente de seu papel na sociedade emergente.

... e você já bateu na Maria Carolina?

Muitas vezes.

Você morava onde?

Pinheiros.

Classe média.

Meu pai era dono de empório. E nunca foi — não é — nada afetuoso. A primeira boneca eu ganhei aos 13 anos, aos 15 estava casada, a família toda contra, porque ele era desquitado... mas a mudança foi muito forte, da primeira boneca ao primeiro marido. Isso sem falar no envolvimento doméstico, eu não sabia fazer nada...

... mas hoje você sabe...

... tudo... e tenho um tremendo orgulho disso. Sou uma cozinheira muito boa.

Alguma especialidade?

Várias.

Bacalhoadas.

De Portugal, com bacalhau, só sei fazer sorda, com pão, alho, muito azeite. Eu amo. Mas sei fazer outras coisas. Por exemplo, um macarrão sensacional, que aprendi com o Zeloni... eu fazia *A Família Trapo* com ele, eu era a Verinha...

... era um programa muito engraçado...

... agora vestiram o Golias num padrão de qualidade, com um texto traduzido, não é nem adaptado, de um Especial da tevê americana. (APARECE O AIATOLÁ NA TELEVISÃO, AINDA SEM SOM)

O que você acha do aiatolá?

É um velho decrépito, que já deviam ter cantado o ponto dele pra ele subir, há muito tempo...

... o xá é que é o quente?

O xá é outra m... sabe o que é? Deram muita grana na mão de pobre. Vão virar Dudu da Loteca. Todo mundo se acostuma com tudo, até com miséria.

Trata-se de uma conformista.

Estou falando de um povo que não é meu, de um aiatolá que não é meu... eles demoram tempo à beça pra descobrir a força do petróleo. Um povo que leva esse tempo todo pra sacar que tem aquele ouro todo escondido... porque Israel está tirando laranja do deserto.

E como é que eu faço pra ficar seu amigo?

Já é. Eu tenho um furo especial pra descobrir bons amigos.

Sexto sentido?

Muito. Tenho até premonição. Logo que eu comeci a viver com o Ricardo ele me disse que ia fazer uma reportagem pra TV Globo. Eu disse: "Meu amor, não vai, que está me cheirando a feijão queimado"; insisti pra ele não ir; foi, se arreventou todo. Um dia eu estava no cinema, disse: "Vamos pra casa que a Carolina está doente." E ela estava boa. Chegamos em casa a babá estava levando a criança para o pronto-socorro. Um outro dia, entrei num avião e senti: esse negócio vai cair. De repente, pegou fogo no motor. Não caiu,

mas quase. Eu convivo com pessoas que têm esses dons especiais. Arigó foi muito meu amigo. Uma vez ele me viu com um colar onde havia um cadeado e uma chavezinha pendurados. Arigó viu e me tirou do pescoço, dizendo que o Laerte estava querendo me levar junto. Botou em cima da televisão dele. Uma semana depois Arigó estava morto. E a mulher enterrou a tal chave junto com ele. Ela acredita que o Arigó morreu pruma morte que a mim estava destinada.

Você tem medo de morrer?

Só tenho medo é de sofrer com a morte. Medo de explosão, por exemplo.

Então, antes que o mundo pum, canta uma daquelas sátiras musicais de seu programa.

Você sabe o que é ser locutor/seu doutor/ trabalhar no Jornal Nacional/com uma roupa de veludo e sedal/doutorle dizer que o Brasil tá legal/você sabe o que é ser locutor/seu doutor/ disfarçar o seu próprio ideal/ ficar como um bobo da corte/dizendo boa-noite/depois de um funeral/leu já estou me sentindo um palhaço/ tecendo elogios pra toda a nação/tô sabendo que a coisa tá feia/mas a ordem de cima é enfeitar o pavão/leu queria dizer a verdade/sem jogar confete/no Zé ou João/leu sou fraco você me perdoe/leu sou jornalista/de televisão. □

Texto de Renato Sérgio

A primeira do dial

Rio **M** **R**ÁDIO **Manchete** **FM**

89,3 MHz

ULTIMA HORA

26 / 12 / 20

Elizeth Cardoso e a Camerata Carioca encerram, este ano, a série "Música e Poesia no Corredor Cultural", que será apresentada, excepcionalmente, no Auditório do Colégio São Bento - Rua Don Gerardo, 68, 3º andar, amanhã, às 18h30m, com entrada franca. A série, que durante o ano de 1979 ocupou a Igreja São José, retorna em 1980, aplicada a outras igrejas do centro da cidade.

No repertório da "Divina", que dispensa qualquer apresentação, músicas de Pixinguinha e Vinicius de Moraes ("Lamento"); Villa-Lobos ("Melodia Sentimental"); Chico Buarque de Hollanda, ("Até Pensei"); e Hermínio Bello de Carvalho ("Senhora Rainha"), que acumula a direção geral e a apresentação do espetáculo.

A parte instrumental caberá ao conjunto Camerata Carioca, com Joel do Nascimento no bandolim, Maurício Lana Carrilho e João Pedro da Silva Borges no violão, Luiz Otávio Braga no violão de sete cordas e Luciana Maria Batista Rabello no cavaquinho. O repertório do quinteto vai de Pixinguinha ("Ingênuo" e "Carinhoso") até Jacob do Bandolim ("Noites Cariocas" e "Vôo da Mosca"), passando por Anacleto de Medeiros ("Terna Saudade") e levando ao público o concerto para o bandolim e quinteto, ("Retratos"), de Radamés Gnatalli, reduzido do original.

Marcos Paulo vai deixar de ser o "Serra", em "Plantão de Polícia". Não houve acerto financeiro e ele vai dançar. Para seu lugar, talvez entre Ney Latorraca, se chegarem a bom termo os entendimentos já iniciados. Outro que deverá dançar é Procópio Mariano, o "Washington". Ele pediu alto para renovar.

CIDINHA NA JOGADA



Jô Soares embarcou para Portugal com Sílvia Bandeira. Volta nos primeiros dias de janeiro. Com isso, seu show "Viva o Gordo e Baixo o Regime", que está sendo apresentado no Teatro da Praia, fica suspenso e só retorna dia 4 de janeiro. Quando voltar, Jô deverá co-produzir filme com argumento seu. Sílvia será a atriz.

Acabou pior do que começou. Mas foi bom

Sexta-feira foi o dia mais esperado da televisão brasileira. Aliás, isto é normal quando vai ser apresentado o **Especial do Roberto Carlos**. Foi um programa com duas horas de duração. Um pouco além da medida para o meu gosto. Direção Geral do Vanucci, escrito pelo Ronaldo Bôscoli, Marcos César, Eloy Santos, Luiz Carlos Maciel e Paulo Netô. Muita gente para um programa só, pois além destes houve os figurinistas, cenógrafos, etc... A gente sente a ostentação da Rede Globo. Gostei da abertura. As tomadas de helicóptero, que só a Globo pode fazer. Mas mesmo aí a gente sente a contenção de despesas, pois para alugar este helicóptero foi necessário uma autorização do

Boni, que estava em São Paulo, pois o Vanucci, aqui, não pode fazê-lo.

A participação da turma do **Sítio do Picapau Amarelo** foi curta demais na minha opinião, e a dos Trapalhães, excessiva. Eu adoro o Renato Aragão e companhia. Gostei dos botões da calça do Muçum. Já da paródia do "Café da Manhã", não gostei. Achei muito longe, com imagens muito repetitivas. Muito bom o Jô, de "Dr. Sardinha". O "Professor" do Agildo eu abomino e nunca vou gostar. O ponto alto foi a participação de todo o elenco e dos programas da Rede Globo. Roberto e Chico Anísio, sensacional. O Roberto dizendo que tem alguns problemas, e a

"Salomé" lhe perguntando: "Você comprou casa pelo BNH, tem filho em colégio público, se trata pelo INPS? Não? Então você não pode dizer que tem problemas". Paulo Gracindo, Vera Fisher, Dina Sfat e o Francisco Cuoco. Não entendi suas participações no programa. Foi um excesso de zelo. Tentam fazer alguma coisa de nível, e, às vezes, soa decadente. É difícil a gente ver um Fernando Pessoa decadente, mas como foi colocado, se tornou decadente. O seu poema "Cartas de Amor", foi assim, como também o foi o Cuoco declamando o poema "Nú", de Manuel Bandeira. O número da Bethânia, foi a coisa mais bonita do Especial. A Vera Fisher, lindíssima, dizendo o tex-

to "Ternura", do Vinícius de Moraes, eu achei muito pegas. "Soneto do Amor Maior", declamado pela Dina Sfat, foi, pra mim, a única coisa que se salvou nesta parte do programa. "Cavalgada", poema de Ronaldo Bôscoli, no meio de Fernando Pessoa, Manuel Bandeira e Vinícius de Moraes, é forte. O Bôscoli foi muito corajoso, pois misturar um poema seu com os de Pessoa, Bandeira e Vinícius, é dose. Eu jamais teria arriscado. Um achado do programa, que poderia ter sido a glória se fosse melhor explorado: o Roberto sendo ele mesmo. Dando quase que uma mensagem sobre sua vida particular e porque naufragou seu casamento. Ele fazendo o artista, o homem e a mulher

o esperando em casa. Foi, pra mim, muito mal escolhida a atriz que fez a esposa. A Cristiane Torloni tem talento, mas ainda é um pouco verde para contracenar com o Roberto. Ela estava lindíssima, mas ainda é uma atriz insegura. A mulher ideal seria a Regina Duarte, que teria feito daquele texto uma coisa muito digna. A presença do Segundo é sempre agradável. Foi bom também ver o pai do Roberto, que eu não conhecia. O programa começou num pique enorme, mas foi decaindo. O melhor mesmo seria apresentar um show com o Roberto. Só ele cantando e nada mais. Enfeitaram demais e o programa se perdeu no tamanho e na duração.

Lafon foi bem aproveitado

Gente do céu! Minhas sugestões já estão sendo aceitas em São Paulo. Quando o Guga caiu na Bandeirantes, eu sugeri o nome do Eduardo Lafon, que era o Diretor de Produção e Programação do Canal 7 aqui do Rio, para ocupar o seu lugar. Na sexta-feira ele esteve na capital paulista e assumiu o cargo de Diretor Geral de Produção da Rede Bandeirantes. Acabaram com o posto que tinha sido ocupado pelo Guga, de Superintendente de Produção e Programação. Agora o Lafon está com a bola toda à frente da produção da Bandeirantes. É uma pessoa séria, muito bem intencionada e, tenho certeza, vai realizar um ótimo trabalho à frente desta Rede tão poderosa, porque o essencial, que é a capacidade, ele tem e de sobra. Ele enten-

de, como poucos do "risca-do", e vai "botar pra quebrar". Criaram uma coisa que desde já vou começar a encrespar: o Conselho de Programação. Tá errado porque com muita gente querendo mandar, só sai porcaria. Tomara que esta idéia não vingue, porque ela é desastrosa. A saída do Guga provocou uma confusão danada na Rede Bandeirantes e quando o Lafon chegou em São Paulo, estava tudo parado. Ele desceu nos estúdios, encontrou o Fúlvio Stefanini conversando e imediatamente o nomeou Supervisor do Elenco, e as gravações recommearam no ato. No sábado foi gravado o último capítulo de **Cara a Cara**, e a expectativa agora gira em torno da novela de Benedito Rui Barbosa que estreia na próxima semana, **Pé-de-Vento — A Corrida da Vida**.

● Conversando com Charinha ele desmentiu notícias que têm sido veiculadas pela imprensa, segundo as quais ele estaria indo para a Rede Globo. Ele me disse que tem contrato com a Bandeirantes até fevereiro de 81 e que vai cumprí-lo integralmente. Ele me disse, ainda, que a saída do Guga, da Bandeirantes, em nada vai mudar sua situação na emissora, principalmente por não ter sido o Guga quem o levou para lá.

● Meu amigo Borjalo: Estão preparando sua cama. Te cuida porque você vai dançar. A ordem do Chefão, o Dr. Roberto Marinho, é que o Daniel Filho seja demitido. Mas o Boni não quer fazer isso. Então está preparando o seguinte esquema: Você vai dançar pra que ele possa ter a desculpa de garantir o Daniel. Ele vai dizer pro Roberto Marinho: "Sem o Borjalo o que é

SOLTAS



Regina Duarte

que eu vou fazer? Eu preciso ficar com o Daniel Filho".

● Vanucci, você também tem que se cuidar. Tem gente de olho no teu cargo. Eu não digo que seja o Nilton Travesso, mas o

Boni está querendo colocá-lo em seu lugar. A ordem dele é entregar a cabeça do Daniel Filho, mas ele, pra não fazê-lo, vai entregar a sua e a do Borjalo. Te cuida porque a coisa tá feia.

26.12.79

TURISMO

Pelo Corredor Cultural circularão a história e o passado do Rio, retemperados por eventos artísticos e idéias urbanísticas que devolverão o centro como um novo espaço cultural



A Castellândia, remodelada, é local propício à ocupação cultural, com concertos ao ar livre, teatro ou quaisquer outras manifestações que tragam de volta um público que nos últimos anos se mantém arredio à área



O Corredor Cultural está delimitado pela Lapa até o Campo de Santana, perímetro urbano com edifícios e outras construções que fazem parte da vida do Rio



A Rua da Carioca, mesmo antes da criação do Corredor Cultural, já realiza promoções que animam o logradouro e mantêm ativa a campanha por sua preservação. O velho cinema Iria, o boêmio Bar Luiz e os sobrados do início do século resistem bravamente à expansão imobiliária.

O CENTRO VOLTA A SER PÓLO DE ATRAÇÃO DO RIO

Cidéo Gropillo

Uma festa na Rua da Carioca, com direito a chopp, bolinhos de carne, bebidas frias, carnaval, discoteca e até lagrimas, marcou, no início do mês, o lançamento de um projeto bem cuidado, que tem todo para dar certo se conseguir sair do papel, criando sólidas raízes que só as verbas não dispõem de alimentar. O nome do projeto carrega alguns estranhos: Corredor Cultural. Mas é esse mesmo e leva a chancela da Prefeitura. Por que corredor? Bem, aí é necessário pegar uma planta do Centro da Cidade e observar o projeto pelo lado urbanístico, segundo o traçado das ruas, escolhidas pelo aspecto histórico e arquitetônico-cultural. O corredor começa na Lapa (Rua Ceilândia Meireles) e vai terminando no Campo de Santana, englobando um segmento representativo do Centro da Cidade. E de propósito, porque a intenção da Câmara Técnica do Corredor Cultural, composta por profissionais liberais, intelectuais de várias áreas (Rachel Jardim, José Rubem Fonseca, Isaiu Campesinato, Sérgio Gabriel, Leila Coelho Fretz, Paulo Alberto M. de Barros e Nélio Pinheiro) era exatamente fazer reviver, no Centro, atividades culturais inúmeras. Falando pela Câmara, Rachel Jardim explica que o projeto não tem nada de acadêmico, nem elitista, uma vez que se trata de revelar as

da 4 de janeiro, corre-se o risco de que a idéia do Corredor se disperse.

As idéias brotam, são originais e a receptividade é muito boa. As dificuldades surgem, não são originais e prevalecem. A mais recente banido de vez Fernando Pessoa da Igreja de São José e transferiu o espetáculo de Eliseth Cardoso, do mesmo local para o Mosteiro de São Bento. Ambos foram considerados inadequados pela Câmara Metropolitana. O primeiro porque os poemas eram profanos e o segundo porque a cantora interpretaria autores populares como Pixinguinha, Vinícius de Moraes e Villa Lobos não propriamente sacros.

Um ponto de vista. Uma pedra no caminho. Uma decepção para as pessoas que aguardavam ansiosas o primeiro programa e terão que se deslocar para a periferia do Corredor Cultural para assistir ao segundo. Mas esse fica e é uma vitória para o público que assistirá de graça a um belo espetáculo reunindo as 18h30m de amanhã Eliseth Cardoso e a Câmara Carioca, num cenário que pode não pertencer ao já delimitado pelo Corredor Cultural, mas que certamente não ficará nada a dever a qualquer outro, encerrando as atividades do ano com louvor.

Uma saída para a realização das atividades talvez seja a adesão da Prefeitura ao projeto. Normalmente todas as secretarias de Governo são solicitadas a colaborar e a viabilizar, mas isso geralmente leva ao impasse, pois há interesses conflitantes, além de uma situação viciosa da Prefeitura, que também já está prevista.

Mesmo não querendo dar uma orientação acadêmica, os membros da Câmara concordam que haverá um retratamento. O Centro já foi usado além de trabalho, já foi Galeria Cruzeiro e chapeu giratório, Casa Colombo e o elegante chás das crianças. Castellândia com milhares de chapeu e homens engratados. O Teatro Municipal e o brilho das grandes estradas. Os lançamentos de filmes nos cinemas da Castellândia. As noites sem fim da Lapa. Os bailes do Automovel Clube, os encontros aos domingos no Passeio Público e as compras nas tradicionais ruas do Ouvidor e Gonçalves Dias.

O Centro já foi história também e hoje é memória que se deve preservar. Os Arcoz embocaram a lista dos monumentos tombados que se pretende conservar transformando os entornos (arquitetura incorporada definitivamente pelo planejamento do projeto) para maior ambientação. A Escola Nacional de Música pode até ganhar janetas na "cruzeta oca" teatro janelas que define a enorme parede vazia que se cria com as demolições na área. O Largo de São Francisco tem um

bonito projeto que prevê a utilização da área apenas para pedestres, depois de passar por uma Zona de Trabalho Ortiga completamente modificada pelas barraquinhas de venda de flores e árvores sombreando bancos. O Largo da Carioca mereceu uma atenção especial dos urbanistas, pois reúne duas fases importantes do centro. A antiga, representada pelo Convento de Santa Antonia, e a moderna, pelo metrô, edifício Avenida Central e todas as construções novas. Para Rachel Jardim e Augusto Ivan de Freitas Pinheiro, arquiteto e urbanista, o Largo da Carioca é um bom exemplo do que o projeto pretende alcançar.

— Queremos formar um binômio entre o moderno e o antigo dentro de uma ambientação adequada. No projeto conseguimos englobar várias fases históricas. O Brasil Colonial junto à Praça XV, o Brasil Império representado por prédios como a Biblioteca Nacional e o Ma-

seu de Belas-Artes; o Brasil Republicano, tendo no Campo de Santana e na Casa do Marechal Deodoro seus marcos, e o Brasil Moderno com todo o Rio novo, planejado e construído dentro de traçados que não interferiram com o antigo, um Rio que se quer preservar.

Além das reformas necessárias os planos incluem a utilização de estacionamentos como áreas de esporte, os lançamentos de discos nas próprias lojas, e isenção de impostos e taxas de serviço para os proprietários de prédios antigos nessas áreas consideradas prioritárias.

— Podemos pensar inclusive num financiamento para a recuperação desses imóveis, com um crédito especial para aqueles que tiverem interesse histórico. Na Praça XV por exemplo, os prédios de pé direito alto podem servir como ateliês. Há pintores que dispõem de pouco espaço para pintar telas

maiores, e as casas antigas são ideais, explica Rachel Jardim.

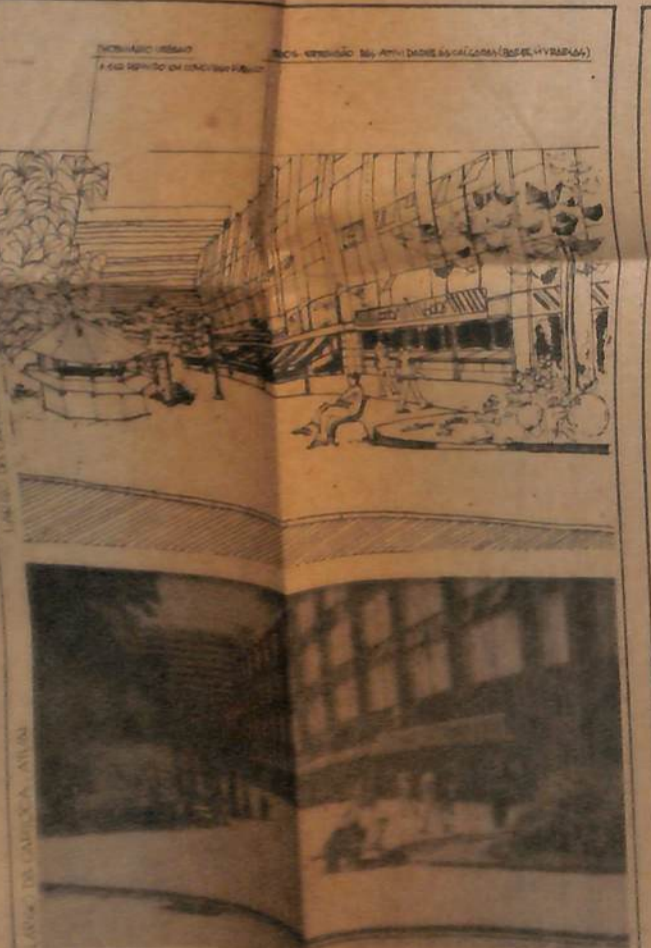
O espírito de conservar a memória da Cidade já foi devidamente incorporado por alguns comerciantes. Um bom exemplo é o pequeno restaurante da Rua da Constituição, construído de acordo com as descrições de Luiz Edmundo e que serve apenas comidas do princípio do século.

— Isso mostra como a comunidade pode agir. O projeto deve muito a esse tipo de pessoa. Estamos investindo numa área com o potencial já instalado para não encarecer muito o projeto. Somos uma espécie de alma do projeto, fonte geradora de idéias, mas não podemos fugir à realidade dos fatos. Temos que pensar também em termos econômicos. E depois não se pode apagar a memória da Cidade. Quando tentamos arrumar sem perder o espírito, estamos tentando conservar a História. Se a gente não abrir o olho, de repente estaremos cerca-

dos somente de prédios modernos, afirma Rachel Jardim.

De tudo que se tem planejado, Armando Leitão Mendes, superintendente da Secretaria de Planejamento, acredita que o levantamento de equipamentos de lazer e cultura da área do Corredor Cultural (órgãos culturais e educacionais) seja o mais trabalhoso e o mais dispendioso. São inúmeros os restaurantes, bibliotecas, discotecas, bares, botequins, gafeiras, salões de jogos, hotéis, cabarês e clubes em geral, que constam do quadro I, Decreto 322 do Código de Obras, além do levantamento dos moradores da região e dos próprios municipais.

— Gostaríamos que o Centro da cidade pudesse produzir uma cultura carioca que a Zona Sul não faz e pensa que faz. Precisamos fazer um levantamento das atividades que ocorrem na Cidade, muito conhecida através de modelos estrangeiros que não refletem de modo algum a realidade brasileira.



Entre as sugestões do projeto, o melhor aproveitamento do Centro está o embelezamento do Largo da Carioca e a criação de locais para atividades espontâneas, como na Rua Uruguaiana



Entre as sugestões do projeto, o melhor aproveitamento do Centro está o embelezamento do Largo da Carioca e a criação de locais para atividades espontâneas, como na Rua Uruguaiana

Cristina, um novo talento



CRISTINA sempre agiu como toda menina. Gostava de brincar com os amigos, ir à praia, andar de bicicleta, tinha a vivacidade das crianças de sua idade. No entanto, nasceu com uma deficiência que os médicos ainda não definiram e que, aos 15 anos, acarretou-lhe a perda da visão. A partir daí, abandonando os estudos — estava no segundo ano do Curso Normal —, passou a desenvolver-se em outras atividades. Aprendeu piano e violão, dedicando-se com especial carinho à música.

Aos 23 anos, Cristina compõe e canta, tendo se apresentado em diversos programas de rádio e televisão, na Sala Funarte (no **show O outro Lado do Canto**, com a cantora Uyara) e no Planetário da Gávea, ao lado de Synval Silva. Para ela, o samba-canção e as músicas de Cartola, Dolores Duran, Vinícius e Chico Buarque, entre outros, formam agora o seu mundo, são a maneira mais certa que encontrou para dar continuidade à grande vontade de viver que existe em todo ser humano.

Inscrita no Festival da Globo, para cantar e apresentar uma composição sua, ela sente que agora é a hora de seu trabalho ser reconhecido. (Ana Lima)

SOM

"Tony Bennett Sings, Bill Evans Plays"

ARNALDO DE SOUTEIRO

TONY BENNETT — este nome mágico — considerado o melhor cantor do mundo por diversas celebridades, tais como: Marlon Brando, Fred Astaire, Frank Sinatra, Buddy Rich e os saudosos Bing Crosby, Judy Garland, Euke Ellington e Louis Armstrong, é realmente um fenômeno da música popular norte-americana e está no auge de sua inigualável carreira, cantando cada vez melhor. E a prova disto é que este ano Tony bateu todos os recordes de público em Las Vegas e que a sua agenda assinala compromissos ininterruptos para todo o próximo ano. Embora suas inúmeras atividades não lhe dêem muita folga, Tony ainda consegue tempo para se dedicar à pintura e recebeu recentemente o cobiçado prêmio Leonardo da Vinci concedido anualmente aos pintores de grande talento. Além disso, Bennett foi considerado por esta coluna como "O Melhor Cantor de 1979", devido ao lançamento no Brasil, do álbum "Together Again" gravado em companhia do pianista Bill Evans para a Improv, representada aqui pela Continental, sendo este LP um dos melhores do ano. Bill já nos visitou este ano e também teve uma coluna dedicada a um outro disco seu, mas agora é a vez de Tony chegar e conquistar o Brasil no próximo ano. Portanto, torna-se mais do que necessário uma revisão de sua carreira.

Nascido Anthony Dominick Benedetto, em Astória, New York, em 3 de agosto de 1926, filho de humildes imigrantes italianos, muito cedo revelou suas qualidades vocais, apresentando-se profissionalmente pela primeira vez, no Clube Democrat da sua cidade natal quando tinha apenas 13 anos de idade. Com muita atenção escutava sempre que possível os

grandes nomes do jazz daquela época, como Art Tatum e Fats Waller. Durante a Segunda Guerra Mundial serviu na infantaria dos EUA, e acompanhado de bandas e conjuntos militares dava shows constantemente próximo aos campos de batalha. Em 1947, sob o pseudônimo de Joe Bari, gravou na etiqueta Leslie seu primeiro disco, um compacto com as canções "Fascinatin Rhythm" e "Vieni Qui". Este disco é um dos mais raros do mundo, desconhecendo-se quem possui um exemplar. Dois anos mais tarde, apresentava-se com seu verdadeiro nome em um "night-club" de Greenwich Village, quando certa noite lá apareceu Bob Hope, que ao final do show foi aos bastidores, convidou-o a participar de seu espetáculo no Teatro Paramount na Broadway e sentenciou que daquela data em diante, seu nome seria Tony Bennett. Na noite seguinte Tony conquistou a platéia do Paramount e logo depois iniciou uma turnê pelos EUA. Foi aí que a Columbia tomou conhecimento do novo cantor e imediatamente o contratou. Veio o primeiro disco na Cbs, "Boulevard Of Broken Dreams", que estourou nas paradas de sucesso vendendo milhões de cópias. Sucederam-se as gravações e o sucesso sempre crescente com "Because Of You", "Cold, Cold Heart", "Congratulations To Someone", "Rags To Richies", "Stranger In Paradise" deram a Tony Bennett o primeiro lugar em dezessete concursos de popularidade em um só ano. Mesmo na fase do rock, Tony jamais se afastou de seu estilo. Mas a sua grande chance ainda estava por chegar. Em 1962, Tony Bennett pro'etou-se internacionalmente com o clássico "I Left My Heart In San Francisco", inevitavelmente apresentado em todos os seus shows até hoje. Com esta canção, To-



Tony Bennett, Mister Smooth.

ny foi agraciado com inúmeros prêmios de melhor cantor do ano, melhor disco do ano, e inclusive, homenageado pela cidade de San Francisco que lhe dedica o dia 20 de maio, pela projeção que alcançou através da gravação de Bennett.

Tony teve lições de canto com o cantor de ópera Pietro D'Andrea e é praticamente o único cantor popular que é tenor alcançando o "high C". Ao longo de sua incomparável carreira, Tony realizou concertos memoráveis com as orquestras de Duke Ellington, Count Basie, Woodie Herman, Harry James e muitos outros, até mesmo com a Filarmônica de Londres, quando se apresentou por duas vezes no Royal Albert Hall de Londres. As orquestrações de seus Lps sempre foram assinadas pelos melhores ar-

ranjadores, como é o caso de Don Costa, Quincy Jones, Percy Faith, David Rose e há cerca de quinze anos, pelo maestro Torrie Zito. Entre os jazz-men que têm acompanhado Tony, tanto em gravações quanto em apresentações ao vivo, destacamos: Art Blakey, Jimmie Rowles, Gene Krupa, Dave Brubeck, Tommy Flanagan, Zoot Sims, Chico Hamilton, Herbie Mann e Kenny Burrell. Os componentes de seu trio são os magníficos Torrie Zito no piano o experiente John Giuffrida no contrabaixo e o célebre Jake Hanna na bateria. Vale lembrar que sempre que possível, outro grande músico que atua a seu lado é o tenorista Harold Land. Em 1974, Tony Bennett recebeu do mundialmente famoso Berklee College of Music, o título de "Doutor em Música",

sendo o único cantor popular a receber tal honraria. Sua carreira é pontilhada de sucessos, tais como "Girl Talk", "Maybe September", "The Shadow Of Your Smile", "Solitude", "When Joanna Loved Me", "April In Paris", "Smile", "The Gentle Rain", "Love Is Here To Stay" (sua favorita) e "Sophisticated Lady". Até o momento, Tony gravou cerca de oitenta álbuns e diversos compactos, totalizando mais de mil gravações. Bennett é chamado carinhosamente por seus milhões de admiradores no mundo inteiro e pela imprensa internacional de "Mister Smooth", pela forma suave de cantar, de "Mister Magic", pela maneira eletrizante que se apresenta e cotagia a platéia, e ainda, de "Dr. Music", pelo grau de Doutor recebido no Berklee College. Grande admirador da música popular brasileira, Tony Bennett já gravou, entre outros, Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Milton Nascimento e Francis Hime, sendo que Carlos Lyra e Hélcio Milito participaram das gravações de "Corcovado", "Samba Do Avião", e "Insensatez" e Luiz Bonfá gravou com Tony duas músicas de sua autoria: "Samba de Orfeu" e "The Gentle Rain".

Quanto ao álbum que originou este artigo, "Together Again", ele tem início com um solo de Bill Evans sozinho ao piano numa composição de David Raskin intitulada "The Bad and The Beautiful". Duas faixas porém, se destacam das demais: "A Child Is Born" de Thad Jones, na qual vemos que Tony atuando ao lado de um músico de jazz como Bill e cantando uma música de maiores conotações jazzísticas, exterioriza o seu lado de cantor de jazz e "You Must Believe In Spring", composta por Michel Legrand e com letra de Marilyn & Alan Bergman, que foi ouvida originalmente no musical fran-

ces "The Young Girls Of Rochefort" e desde então se tornou uma canção "standard". "Together Again" é uma mostra da classe, da categoria e da voz insuperável de Tony Bennett, este genial artista que o público brasileiro irá conhecer "in person" em maio do próximo ano.

Deodato no Rio

Acaba de chegar ao Rio, o compositor-pianista e arranjador brasileiro Eumir Deodato, residente nos Estados Unidos desde 1972. Eumir não deverá permanecer muito tempo por aqui pois veio de férias para rever a família. Uma das coisas que mais lhe surpreendeu foi saber da aceitação que a música instrumental já está tendo no mercado brasileiro e também ver que as rádios do Rio já estão tocando bastante a faixa-título do LP "Ladies Night" do grupo Kool & The Gang, que ele produziu. A entrevista exclusiva e em primeira mão que Eumir concedeu à TRIBUNA DA IMPRENSA, será publicada nesta coluna na próxima quinta-feira.

Guia de lançamentos

- 1) Tony Bennet & Bill Evans: Together Again (Improv/Continental) Cotação: (5)
- 2) Flora Purim: Open Your Eyes You Can Fly (Milestone/TopTape) Cotação: (5)
- 3) Stan Kenton: Live In Europe (London/Odeon) Cotação: (4)
- 4) Ray Charles: Ain't It So (London/Odeon) (4)
- 5) Benny Carter & Dizzy Gillespie: Carter, Gillespie, Inc. (Pablo/Polygram) (4)
- 6) Dizzy Gillespie: Big 4 (Pablo/Polygram) (4)
- 7) Ivan Lins: A noite (Odeon) (3)
- 8) Jorginho do Império: Felicidade (Obs) (3)
- 9) 14 Bis: 14 Bis (Odeon) (2)
- 10) Vários: Hollywood Discotheque (Top Tape) Cotação: (1).

CHORINHO NO COLÉGIO SÃO BENTO

Foto de Júlia Peregrino



Pixinguinha, Radamés Gnatalli,
Jacob do Bandolim, no recital de hoje
pela Camerata Carioca e Elizeth Cardoso

ESTE espetáculo é muito importante porque nele estou juntando a Elizeth Cardoso com a Camerata Carioca, um conjunto idealizado por mim, com um pique maravilhoso e no qual cada integrante é um virtuose no seu instrumento.

Quem fala com tanto entusiasmo sobre a Camerata Carioca, (Joel Nascimento, bandolim, João Pedro Borges e Mauricio Carrilho, violões de seis cordas, Luiz Otávio Braga, violão de sete cordas, Luciana Rabello, cavaquinho e Celso José da Silva, ritmo) é Herminio Bello de Carvalho.

Produtor do show que estreia hoje às 18h30m no auditório do Colégio São Bento, com entrada franca e que encerrará a série Música e Poesia no Corredor Cultural, patrocinada pelo Departamento Geral de Cultura do Município do Rio de Janeiro, ele não entende porque a série que, durante todo este ano, ocupou a igreja São José não pode, na sua última etapa, ser lá realizada.

— Foi realmente incompreensível a decisão da Cúria Metropolitana que impugnou a apresentação do recital na igreja, como estava inicialmente previsto. Concertos em igrejas são uma tradição europeia que estava sendo implantada pelo Departamento de Cultura do Município do Rio de Janeiro com o título de Música e Poesia no Corredor Cultural. Eu mesmo tive o privilégio de acompanhar Leo Brouwer, um dos maiores compositores contemporâneos da literatura de violão, numa excursão pela França e ele se apresentava em igrejas, num fantástico clima que só um recinto religioso proporciona. O próprio Turibio habitualmente grava discos europeus em igrejas, a acústica é sempre fantástica.

Herminio dirigiu a Camerata Carioca em Curitiba, Brasília, São Paulo, Rio (João Caetano e Sala Funarte) e Salvador (Teatro Castro Alves). Recentemente, sua palestra Villa-Lobos, Um Agitador Cultural, na ABI (que fez parte do programa de comemorações dos 20 anos de morte do compositor), foi ilustrada pela Camerata e por Elizeth Cardoso, que então se apresentava pela primeira vez com o conjunto, interpretando de Villa-Lobos *Melodia Sentimental* e de Jaime Ovalle, *Azulão*.

No recital de hoje, a Camerata Carioca apresenta uma síntese dos concertos que têm realizado desde agosto deste ano, que incluirá, de Jacob do Bandolim, *Noites Cariocas*, *Bole-Bole* e *Diabinho Maluco*, e de Radamés Gnattali, a redução da sua obra *Retratos*, originalmente escrita para bandolim e orquestra e gravada, em 1964, por Jacob do Bandolim.

Quanto à Elizeth Cardoso, interpretará *Lamento* (Pixinguinha e Vinicius de Moraes), *Até Pensei* (Chico Buarque), *Melodia Sentimental* (Villa-Lobos e Dora Vasconcellos), *Número Um* (Benedito Lacerda e Mario Lago), *O Inverno do Meu Tempo* (Cartola e Roberto Nascimento), *As Rosas Não Falam* (Cartola), *Amor e Lágrimas* (Claudio Santoro e Vinicius de Moraes), *Azulão* (Jayme Ovalle e Manuel Bandeira) e em primeira audição *Doce de Coco* (Jacob do Bando-

lim e Herminio Bello de Carvalho).

Para Herminio Bello de Carvalho, a voz de Elizeth Cardoso junto à Camerata Carioca, é um privilégio raro. Para Elizeth, trabalhar com a Camerata e com Herminio é um prazer:

— Herminio sempre se lembra de mim nas suas produções. E eu há muito tempo não contava com um conjunto tão bom.

De conjuntos, a divina Elizeth pode falar de cadeia, já que iniciou sua carreira com o Reginal de Jacob do Bandolim e foi crooner das orquestras de Severino Araújo, Napoleão Tavares e outros maestros.

— Sinto-me realmente satisfeita — afirma — de atuar, agora, com a Camerata, gente nova gostando de mim e capaz. Nós, cantores, dependemos deles e de quaisquer outros músicos. Por melhor que sejamos, qualquer deslize que eles façam, vamos para o poço.

Elizeth gravou seu último LP, *Um Inverno do Meu Tempo*, pela Som Livre. Esteve recentemente em São Paulo, Salvador, Brasília "e agora pretendo dar uma descansada de uns 15 dias, porque trabalhei muito este ano".

Herminio a interrompe: "Em 1968 esteve aqui um empresário japonês que já conhecia a Elizeth e queria levá-la para o Japão. Mas só nove anos depois ela pôde viajar, quando então, já havia lá cinco discos seus lançados, dos quais uma série de três que foi gravada ao vivo no Teatro João Caetano, com a participação de Jacob do Bandolim, Zimbo Trio, Época de Ouro e dos mais vendidos da discografia da Elizeth.

Segundo Herminio, as viagens de Elizeth Cardoso ao Japão, em 1977 e 1978 abriram muitas portas para que outros cantores se apresentassem.

Ele, que recebeu no início de 1979 o Troféu Estácio de Sá ("tive 18 padrinhos, entre os quais, Clementina de Jesus, Gal Costa, Turibio Santos, Mauricio Tapajós e, evidentemente, a própria Elizeth, entre todos"), produziu um disco com Zezé Gonzaga interpretando músicas de Valzinho, precursor da bossa nova em 20 anos (o LP foi considerado pela crítica como dos melhores do ano), dirigiu Dorival Caymmi no Teatro Castro Alves ("um programa apresentado por Jorge Amado") e refere-se com carinho a Radamés Gnattali, que chama de "papa" da moderna música popular brasileira e que se tornou o patriarca da Camerata Carioca.

— O Radamés apaixonou-se pela qualidade musical da Camerata. Tanto que, além de ter feito a redução do concerto *Retratos*, para ser interpretada pelo conjunto, acabou de realizar também para os jovens intérpretes, exímios em arranjos e harmonias ousadas, uma transcrição de um concerto de Vivaldi.

Além da decisão da Cúria Metropolitana impedindo a realização do recital da Camerata com Elizeth Cardoso na igreja São José, Herminio lamenta o fato de a Odeon, alegando problemas contratuais com Joel do Nascimento, bandolinista da Camerata, não ter ainda lançado o disco *Tributo a Jacob do Bandolim*, que editou com o conjunto em agosto deste ano.

O GLOBO

24 / 12 / 79



Ribamar: tirar do baú a década de 60

Ribamar, de volta à noite



Ao piano, todo o romantismo do samba-canção

Em 1980, o pianista e compositor Ribamar, o grande amigo e parceiro de Dolores Duran, estará completando 30 anos de atuação na vida noturna do Rio. Após um pequeno afastamento do ambiente em que sempre trabalhou, a Zona Sul, ele volta agora acompanhado da cantora Ivany de Moraes e do baixista Mário Gomes. Fiel ao estilo com o qual se tornou conhecido, Ribamar lamenta o que ele chama de "uma total transformação na música brasileira romântica". Sua opção de trabalho é uma resposta a essas modificações que acabaram fazendo com que "a época do samba-canção, a década de 1960, fosse considerada uma espécie de baú".

— Você não vê hoje composições novas no gênero samba-canção. Ouve-se a música romântica atual e não se sabe se é um bolero, se é uma balada. Por isso é que nosso repertório é essencialmente à base de músicas de Dolores Duran, de Tito Madi, de Vinícius, Jobim, de Maysa e de todos os grandes compositores românticos. Como o trabalho na noite implica a necessidade de grande comunicação com o público, nós só saímos para uma outra música quando é preciso atender a um insistente pedido dos que nos assistem e prestigiam. Mas isso é muito raro, porque na realidade até os muito moços estão mesmo é ligados no tipo de canção que temos a oferecer.

Nesses anos de carreira, Ribamar teve a oportunidade de acompanhar muitos romances nascidos ao som de seu piano. Conta que uma de suas maiores alegrias foi receber a visita de um amigo com a filha de 18 anos. Tal qual os seus pais, a moçinha acompanhou todas as canções e fez muitos pedidos a Ribamar, todos de músicas no gênero romântico.

Ribamar ainda se lembra do dia em que entrou para a vida artística, após vencer um concurso promovido pela Rádio Nacional. Até então ele era um amador que tocava em festas de família e nos clubes, especialmente no subúrbio de Campo Grande, onde nasceu e se criou. Os estudos de piano começaram quando ele tinha sete anos. Primeiro foi a vez da avó, depois as tias se tornaram suas professoras. Dominadas as escalas e os estudos clássicos, Ribamar começa a se interessar por um tipo especial de exercício. Passava todas as composições para ritmos brasileiros, samba e chorinho em especial. Nessa época, seus ídolos eram Carolina Cardozo de Menezes, Car-

mem Cavalaro e Peter Kreuder. — A vida é muito engraçada. Quem diria que eu iria me tornar amigo de Carolina Cardozo de Menezes e inclusive homenageá-la em um dos meus discos, tocando uma de suas composições, "Tudo cabe em um beijo"? Quanto a Dolores, eu a conheci logo após o concurso. Ficamos amigos, dentro em pouco eu era seu parceiro. Com Dolores Duran, o pianista assinou sete músicas, quatro quando a cantora ainda vivia, as outras após sua morte. Da primeira fase são "Quem sou eu?", "Pela rua", "Se eu tivesse" e "Idéias erradas". Após a morte de Dolores, sua mãe e uma grande amiga, a cantora Marisa Gata Mansa, entregaram a Ribamar alguns versos deixados por ela. Não tardou, o pianista musicou os poemas, que são "Ternura antiga", "Quem foi?" e "O que é que eu faço?". Esses foram os últimos trabalhos de Ribamar em composição. Embora tenha um considerável número de fitas gravadas, com muitas melodias, ele ainda não conseguiu encontrar uma forma de divulgá-las. Sua explicação para isso: "Depois da morte de Dolores, eu não encontrei mais parceiro".

A seco

Continua a seco — melhor dizendo: desligado — o chafariz transferido da Praça da Bandeira para o antigo local do Monroe, recentemente reinaugurado pelo prefeito Israel Klabin. A água só apareceu no ato inaugural e durante poucos dias depois, levando a crer que alguma coisa não está certa, ou foi mal feita. De qualquer forma, é uma pena. A visão do chafariz em pleno funcionamento ajuda a enfeitar a cidade, sempre carente de peças que a embelezem.

Tradição eletrônica

Não há nada que mais irrite os pais e avós japoneses do que o descaso dos jovens pelas tradicionais e complexas normas de etiqueta, herdadas dos tempos dos samurais: cuprimentos mal dados, curvaturas feitas às pressas e de qualquer maneira. Um horror, lamentam os mais velhos. Cientes das gafes dos jovens e pensando no melhor para seus clientes, a loja de departamentos Kintetsu, de Osaka, adotou em seu programa de treinamento de pessoal "lições eletrônicas" de etiqueta.

Uma máquina de cumprimentar, especialmente criada para a loja, curva o corpo do novo funcionário no ângulo exato que as normas de polidez exigem. Mas não há uma só curvatura padrão para todos. As enraizadas noções de hierarquia pedem algo mais sofisticado. Para colegas e outras pessoas de seu mesmo nível, um ângulo de 15 graus. Para o freguês que entra na loja, a exigência é de 30 graus; e, para o chefe e o freguês que sai, após as compras, a deferência suprema: uma curvatura de 45 graus. Animadas com a idéia, várias firmas japonesas encomendaram à Kintetsu outras máquinas iguais.



A nova geração: Adriana Brasil Guimarães e Manoel Bayard Lucas de Lima. (Foto Ribas)

O ritmo de "Tango"

A informação é oficial, fornecida pela United Artists, em Nova York: proibido durante 6 anos, "Último Tango em Paris", em sua primeira semana de exibição, em 47 cinemas brasileiros, faturou mais do que "Super-Homem", "Nos tempos da brilhantina" e "Guerra nas Estrelas". Trocado em graúdos, 825 mil dólares — o equivalente a Cr\$ 41 milhões. Nos 11 cinemas lançadores cariocas, a bilheteria foi

superior a Cr\$ 11 milhões; nas 13 salas de São Paulo, também na semana de estréia, mais de Cr\$ 13 milhões. O filme de Bernardo Bertolucci, segundo a United Artists, poderá proporcionar a maior renda da empresa na América Latina, se os espectadores brasileiros — last but not least — continuarem indo aos cinemas na mesma proporção do lançamento.

Ter cuidado só faz bem

Era inevitável: imediatamente após o Natal, e com a nova mania dos patins, a sala mais procurada do Hospital Miguel Couto passou a ser a do gesso, onde se atendem a torções e fraturas. Que o digam os repórteres setoristas.

Se esse episódio nada revela de alarmante ou que

justifique campanhas contra a bonita prática da patinação, é oportuno lembrar que o uso dos patins deve incluir, sempre, o acompanhamento de acessórios como joelheiras, muqueiras e cotoveleiras, que hoje existem inclusive em alto grau de sofisticação.

COLUNA DE CARLOS SWANN

Perfumes

A Maison Guerlain gastará 10 milhões de dólares (Cr\$ 500 milhões) com o lançamento de seu novo perfume — Nahema — apresentado à imprensa, no Maxim's, recentemente. Vinte marcas novas, aliás, deverão ser lançadas em Paris, inclusive por Balenciaga, Courrèges e Balmain, o que mostra como a guerra dos perfumes está esquentando. Tudo por causa do Opium, de Yves Saint-Laurent, com vendas que devem alcançar, em 79, a casa dos 70 milhões de dólares no mundo inteiro (Cr\$ 3,5 bilhões), e com quem Nahema pretende brigar.

O príncipe Charles realmente não escapa de nada. Ainda agora, foi publicado na imprensa britânica um estudo feito por psicólogos para tentar explicar "a vocação de mulherengo" do herdeiro do trono britânico: tratar-se-ia de um esforço íntimo para se convencer de que as suas orelhas de abano "não prejudicam a sua força de atração sexual".

ZONA FRANCA

● A Assembléia Geral da ONU elegeu o delegado brasileiro Hélio Cabal para membro do Comitê de Contribuições das Nações Unidas.

● A pintora Noêmia Guerra regressa hoje a Paris, depois de passar o Natal com a família.

● Foi transferido de ontem para o dia 3 de janeiro a festa de inauguração do Noites Cariocas no Morro da Urca.

● O juiz Américo Canabarro toma posse amanhã no II Tribunal de Alçada do Estado do Rio.

● Alice e Luiz Carta, Eleonora e Cito Mendes Caldeira, Taíssa e Márcio Seggia, Ruth e Sebastião Almeida Ribeiro vêm de São Paulo passar o réveillon no Rio.

● Cristiana Malta e Rick Berger ficam noivos dia 30 e recebem para jantar no Hippopotamus.

● Leopoldo di Mottola chegou ontem de Roma, onde visitou o pai, o marquês Carlo di Mottola.

● O deputado Celso Peçanha acaba de lançar o livro "Brasil, zero hora: tensões e esperanças".

● Coube a Juarez Barroso Ferreira, de 16 anos, com o conto "Retrato de jornal", o prêmio instituído para os alunos de 7.ª e 8.ª séries pelo Departamento de Cultura do Município.

● Quem estréia idade nova, hoje, é Lais Gouthier.

● Fernanda Montenegro e Fernando Torres retornaram ontem ao Rio após a temporada que passaram em São Paulo.

● Hoje, Ana Maria Tornaghi promove jantar em homenagem aos aniversariantes do mês.

● Hoje também, às 17 horas, um coquetel assinala o segundo ano de atividades da Fundação Roberto Marinho.

● Dalal Achcar já iniciou os ensaios de "Romeu e Julieta", que montará no teatro do BNH.

● Sérgio Monte Alegre e Paula de Ribamar e Silva vão se casar no início de janeiro.

A despedida dos anos 70 promete ser intensamente movimentada, ao menos no centro da cidade. Estão sendo distribuídos nas ruas e bares cartões que anunciam alguma coisa no estilo happening para a manhã de segunda-feira que vem, na Cinelândia. Sinal de que desta vez os garis terão muito mais trabalho do que o resultante das tradicionais chuvas de papel picado.

Guinada erudita

Enquanto muitos dos nossos artistas eruditos não resistem ao apelo dos auditórios de massa, eis que ocorre o inverso com um dos mais talentosos músicos populares: o pianista, maestro e arranjador Edson Frederico anuncia entre os seus projetos para 1980 duas apresentações sinfônicas, no Rio.

Nada a estranhar para quem conhece a carreira de Edson Frederico. Muito antes de participar de espetáculos de Tom Jobim, Miúcha, Vinícius e Toquinho, ou de Elis Regina, e de fazer os arranjos dos discos de Jorge Ben, Elizeth Cardoso, Emílio Santiago, Maria Creuza e outros — sem falar nos discos brasileiros de Sarah Vaughn e Freddy Cole —, ele já incluía no seu currículo a condição de ex-aluno de Shostakovich, quando excursionou a Moscou acompanhando Nora Nei e Jorge Goulart.

Correndo por fora

Podem não ser todos (e não são, é claro). Mas, pela amostragem, deve ser a maioria. Os motoristas de táxi do Rio, nestes tempos bichudos, inventaram um novo tipo de cobrança: o preço combinado "por fora", de acordo com a corrida. Uma ida ao Galeão, por exemplo, não está saindo por menos de Cr\$ 500. E pagar, sem chiar nem bufar. Alguns motoristas mais práticos (e simpáticos), entretanto, inventaram a "caixinha" (no momento, "de Natal"): o passageiro paga o que marcar o taxímetro, mais uma gorjeta generosa para "as festas".

28/12/99

117

Proposta do show da Tupi é retomar tradição da MPB

"Canta Brasil — Meu Brasil Brasileiro", de Abelardo Figueiredo, será exibido amanhã, sábado, às 21 horas, dando seqüência à série de programas especiais sobre a música popular brasileira, que a Rede Tupi está produzindo. O show, conduzido pela cantora Rosemary, tem como proposta básica retomar toda uma tradição musical brasileira, ligada ao teatro de revista, hoje praticamente esquecida.

Atualmente, sendo apresentado na boate "O Beco", onde Abelardo é diretor artístico, o show levou o Brasil a todos os cantos do mundo, desde a Europa até o Japão, passando por Acapulco, Singapura e África: "Logicamente — explica Abelardo — embora partindo do mesmo esquema, daremos um tratamento completamente diferente do show em si, por causa do veículo ser outro. Mas é o Brasil cantando de Norte a Sul, na voz de Rosemary, com participação especial de Consuelo Leandro e Hélio Motta".

Durante os dois anos e meio que esteve viajando, Rosemary presenciou as mais variadas reações. Em um lugar, por exemplo, o espetáculo foi apresentado em uma boate, mas o sucesso foi tanto que eles tiveram que reapresentá-lo, em praça pública, gratuitamente para o povo. Uma dessas apresentações ao ar livre, no Japão, reuniu mais de 15 mil pessoas. Com exceção de "Feelins", de Morris Albert (um compositor brasileiro, que compõe em inglês), todas as músicas do show são brasileiras.

Numa ambientação tropical, com palmeiras e bananeiras, Rosemary inicia o especial cantando "Canta Brasil", com a participação de um grande elenco de passistas, ritmistas e bailarinas. No primeiro bloco do programa especial de sábado, as músicas são dedicadas ao Rio de Janeiro: "Corcovado", "Garota de Ipanema", "Samba do Avião", "Rio de Sol Maior"; além de "Mas que Nada" e "Fio Maravilha", com a participação dos Novos Crioulos.

Na seqüência do primeiro bloco, haverá um quadro humorístico, com Consuelo Leandro interpretando um texto de Millor Fernandes. O terceiro bloco fala do Nordeste, Bahia, rendas, Candomblé, através de músicas como "Mulher Rendeira", "Baão", "Canto de Ossanha" e "Afrodisia". Rosemary também lembrará cantoras e compositoras consagradas, como Dolores Duran e Maysa, cantando "Estrada do Sol" e "Morrer de Amor". Haverá, ainda, "Manhã de Carnaval", de Vinícius de Moraes e Luis Bonfá, e "Travessia", de Milton Nascimento, duas músicas modernas, duas músicas modernas que foram muito ouvidas pelo grupo de Abelardo e Rosemary, durante as apresentações no exterior.



Rosemary comanda o espetáculo

Hélio Motta apresentará um número que simula um desfile de escolas de samba, usando um único instrumento: o pandeiro. Rosemary, há três anos afastada do Carnaval brasileiro, homenageará sua escola de samba predileta, cantando "Exaltação à Mangueira". O espetáculo será encerrado com "Voltei Pro Morro" e "Aquarela do Brasil", de Ary Barroso. Antes, porém, haverá um pequeno show, a cargo dos Novos Crioulos e das Multas de Ouro, grupos de ritmistas e passistas.

Cartas e rotina

"A chegada de cartas é quase uma rotina na vida da maioria dos artistas. Mas algumas se tornam especiais. Como a que Mário Lago recebeu de Portugal e que, já no destinatário dizia: "Para o grande artista..." A carta elogiava o ator, sem poupar adjetivos do gênero "mas que enorme, que maravilhoso talento o de você. Sua cara, suas mãos, tudo é maravilhoso!" Mas o que impressionou Mário Lago foram os comentários sobre a representação brasileira, com a qual os portugueses estão se familiarizando a partir das novelas, como **Dancin Day's** atualmente exibida por lá. É que a remetente fala com conhecimento de causa. Ela mesma uma atriz, é ainda filha de Palmira Bastos, uma das maiores artistas do teatro português, e que fez algumas temporadas no Brasil. Amélia Bastos Moreira da Cruz, já aposentada, com 78 anos, explica, na carta: "como já havia-me dito minha mãe, ao voltar de sua última temporada no Brasil, 'antigamente os portugueses vinham ensinar os artistas brasileiros, hoje são eles que nos ensinam a nós'. Vocês, brasileiros,

não representam as personagens. Vocês vivem-nas".

"Meus 15 anos"

Paulinho Guimarães, responsável pela elogiada trilha sonora de **A Rainha do Agreste**, mostra o seu multitalento de compositor, cantor e instrumentista num espetáculo em cartaz no Teatro Teresa Rachel, Rio, até 30 de dezembro. **O Último Show da Década — Meus 15 anos** é um ato cooperativo cultural de Carlos Drummond de Andrade, Ferreira Gullar, João das Neves, Lapi, Luiz Mendonça, Rodrigo Farias Lima, Jorginho Carvalho, Aldomar Conrado, José Roberto Mendes e Priscila Camargo, que avalizam, no release de lançamento, o trabalho do artista. As palavras de Ferreira Gullar: "Conheci Paulinho Guimarães durante o trabalho que fizemos juntos para **A Rainha do Agreste**, no programa **Aplauso**, da TV Globo. Impressionou-me não apenas a sensibilidade de Paulinho Guimarães para captar o significado dramático ou poético das cenas, como a sua capacidade de expressá-las musicalmente". Pra todo mundo conferir.

Velha batalha

Renato Borghi, o Dr. Dudu em **O Todo Poderoso**, juntamente com José Celso Martinez, foi o responsável pela estrutura do Teatro Oficina. Ele lembra que "foram 11 anos de batalha pelo teatro brasileiro, levando ao palco peças como "O Rei da Vela", "Os Pequenos Burgueses", "Andorra" e "Galileu Galilei".

Os lírios

Na semana-passada foi fechado o elenco de **Olhal os Lírios do Campo**, próxima novela das 18 horas, uma adaptação de Geraldo Vietri para o romance de Érico Veríssimo. São os seguintes atores que irão participar da novela: Cláudio Marzo (Eugênio), Nivea Maria (Olívia), Thaís de Andrade (Eunice), Sérgio Britto (Cintra), Ferreira Leite (Angelo), Lourdes Mayer (Dona Alzira), João Paulo Adour (Ernesto), Patrícia Bueno (Madalena), Chico Martins (Florismal), Ênio Santos (Dr. Seixas), Joyce de Oliveira (Dona Quinota), Jardel Filho (Felipe Lobo), Neuza Amaral (Izabel), Sonia Regina (Dora), Jonas Bloch (Simão), Ruth de Souza (Mariana), Maneco Bueno (Acélio Castanho), Elizabeth Hartman (Frida Falk), Kleber Drable (Dr. Bellini), Mário Cardoso (Carlos Bellini), Nair Belo (Rafaela), Sérgio de Oliveira (Dr. Teixeira), Mirian Fischer (Margareth), Cristina Soares (professora) e Fernando de Almeida (Dr. Mário), além da participação especial de Pietro Mário.

Olhal os Lírios do Campo é dirigida por Herval Rossano e produzida por Cicero Araújo.

Vinícius

LIVROS

Ivan Ângelo, depois do conto e do romance, a novela: 'A casa de vidro'

Cinco histórias, quase novelas, compõem o novo livro de Ivan Ângelo, *A casa de vidro*, que a *Cultura* acaba de mandar para as livrarias.

É o terceiro livro de ficção desse mineiro de Barbacena (1936), criado em Belo Horizonte, onde viveu até aos 29 anos, e que mora em São Paulo, desde 1965, onde trabalha no jornalismo.

Ivan Ângelo se tornou conhecido em 1959, quando ganhou o primeiro concurso de ficção "Prêmio da Cidade de Belo Horizonte", com o livro de contos *Homem sofrendo no quarto*. Seu primeiro livro foi publicado, porém, somente em 1961, com o título *Duas faces*, tendo como parceiro Silviano Santiago. Depois publicou, esparsamente, contos, crônicas e tradução. Em 1964 interrompeu sua produção só retomando a atividade literária em 1973, quando começou a escrever o romance *A festa*, editado em 1975, logo tornando-se um "best seller", aplaudido pela crítica e prestigiado pelos leitores.

Assim, depois do conto e do romance, *Ivan Ângelo* incursiona pela novela. Ele explica, assim, a nova opção:

— Eu gosto de me testar, saber se posso fazer bem uma coisa. Nestas cinco novelas de *A casa de vidro*, o Brasil antigo e o atual se penetram se iluminam. Tenho essa necessidade de tentar entender por que o meu país é assim, por que as pessoas se comportam de um modo ou de outro, de onde vêm determinados sons... A minha ficção é uma espécie de investigação. Neste *A casa de vidro*, entretanto, não procuro inocular ninguém, nem a mim mesmo.

O próximo livro de *Ivan Ângelo* será um romance, cujo título provisório é *Vida vivida*.

● De *Nilson Lemos Lage* a Editora *Vozes*, de Petrópolis, está lançando *Ideologia e técnica da notícia*, 120 páginas, Cr\$ 120. O texto desse livro é, basicamente, o da dissertação de Mestrado que o autor apresentou à comissão de pós-graduação da UFRJ. Foram feitos alguns acréscimos e adaptações objetivando a utilização didática ou, simplesmente, informativa. Desses aumentos, o principal se refere às revistas: trata-se de uma comunicação ao Congresso de Semiótica que se realizou na PUC-Rio, em 1978. O autor começa pela apresentação do "objeto" jornal e daí parte para a descrição das formas hoje tradicionais da notícia, até chegar a uma discussão sobre o conceito de verdade extraído da práxis jornalística.

● Livros resenhados este domingo: "Diário de bolso, Retrato de noiva", de Afonso Arinos de Melo Franco; "Os voluntários", de Moacyr Scliar; "Esquecer para lembrar", de Carlos Drummond de Andrade; "Canto em si", de Reynaldo Valinho Alvarez; "Rua do Sol", de Orígenes Lessa; e "Autobiografia de Federico Sanchez", de Jorge Semprún;

● Como quem sai aos seus não degenera, *Juarez Barroso Ferreira*, filho de *Juarez Barroso* (1934-1976), autor de *Joaquinho Gato*, *Mundinha Panchico* e o resto do pessoal e *Doutora Isa*, vai receber, hoje, às 14 horas, no Departamento de Cultura do Município (Marechal Câmara 350, 7.º andar), o prêmio de Cr\$ sete mil, por se ter colocado, com o conto "Retrato de jornal", em primeiro lugar, no concurso "Jovem Escritor Carioca", promovido por aquela repartição da Prefeitura. Os demais classificados foram: em segundo lugar, *Rosângela Martins*, com o conto "No auge da minha dor", Cr\$ cinco mil; e em terceiro lugar *Juvenal Alves Neto*, com o conto "Dia normal", Cr\$ três mil.

● Entre os mais recentes lançamentos de *Zahar Editores*, figura *Ciência e existência*, de *Alvaro Vieira Pinto*, considerado o mais destacado cultor da Filosofia no Brasil. Saindo em segunda edição, o livro, de 537 páginas, está dividido em 22 capítulos, entre os quais sobressaem: A necessidade da compreensão filosófica da pesquisa científica; A evolução do conhecimento; A ciência como produto existencial das relações entre o homem e o meio; A significação da lógica dialética; O significado ideológico da pesquisa científica e a formação do pesquisador; A consciência, a alienação do trabalho e o método científico; A ciência como processo histórico de domínio da natureza pelo homem. Anteriormente, *Alvaro Vieira Pinto* publicou, em dois volumes, *Consciência e realidade nacional*, focalizando a vida brasileira, a situação atual do homem e a dramaticidade do ser brasileiro imerso nas opções da história contemporânea.

● Para a estante de Poesia: *O Operário em construção e outros poemas*, de *Vinicius de Moraes*, seleção e prefácio de Sérgio Buarque de Holanda, na "Coleção Poiesis", da *Nova Fronteira*, 116 páginas, Cr\$ 120. Traz, inclusive, poemas feitos por Vinicius para a música popular brasileira, como "Serenata do adeus", "Se todos fossem iguais a você", "Garota de Ipanema", "Marcha da quarta-feira de cinzas", "Samba em prelúdio". ● *Autopsia em corpo vivo*, de *Tárik de Souza*, Editora L & PM. Sobre essa coletânea, escreveu *Antonio Honaiss*: "A leitura destes poemas de *Tárik de Souza* provocou-me uma emoção que só comparo com a que tenho tido em raros momentos de minha já longa vida dedicada em boa parte à comunhão com obras de poetas." *Tárik de Souza*, que também é crítico da MPB, se estreou, há dois anos, com a coletânea *E esse nó no peito*, que conquistou calorosos aplausos da crítica especializada. ● *Os comedores do museu*, de J. B. Sayeg, Editora *Vertente*. Paulista de Catanduva, J.B. Sayeg se estreou, em 1978, com a coletânea *Permissivo amor*, e, um ano depois, participou da antologia *Os poetas estão chegando*, editada pela *Soma*. ● *Na flor da correntiza*, de *Nisia Nóbrega*, Editora *Cátedra/INL*. ● *Lirio de aço*, de *Osório Peixoto Silva*, poeta e folclorista campista, autor de *O ururau da Lapa* (em segunda edição), *O frade e a moça bonita* e *O frade e a freira*, todos no gênero literário de cordel. ● *Contatos poéticos n.º 1*, com 1.ª "Autonomia" de *Chrys Axelman*, e "Filosofando", de *Menestrel*. Edição dos autores.

● Em edição patrocinada pela Embaixada da República Federal da Alemanha em comemoração ao Ano Internacional da Criança, a *Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil* acaba de publicar um pequeno livro, quase uma plaqueta, intitulado *Presença dos autores alemães nos livros infantis brasileiros*, de *Ruth Villela Alves de Souza*. Este pequeno ensaio que conquistou Menção Especial do Prêmio Thomas Mann, em 1973, foi posteriormente ampliado pela autora, durante viagem de estudos e pesquisas na Alemanha. Entre os autores que focaliza estão *Barão de Münchhausen*, *Christoph von Schmid*, *Irmãos Grimm*, *Carlos Jansen*, *Hans Staden*, *Wilhelm Hauff*, *Heinrich Hoffmann*, *Kerl May*, além de muitos outros.

● Publicado em 1954, volta em segunda edição o livro de *Maria Leonor Alvarez Silva*, *Galeria — o livro das biografias*. Trabalho útil para pesquisa de estudantes sobre a vida de grandes figuras da história, das artes e das ciências, nacionais e internacionais. Volume de 421 páginas.

● *Sebastiana Quebra-Galho*, espécie de "vade-mecum" com mil sugestões e formulas para facilitar o dia-a-dia da dona de casa, foi um dos livros mais vendidos nos fins de 1978 e começos de 1979. Agora sua autora, *Nenzinha Machado Salles* está de volta com *Maria Melado*, com receitas de sobremesas, geladas e quentes, como cremes, geleias, merengues, "bavaroises", "charlottes", gelados, gelatinas, manjares, musses, pavês, pudins, suflês, "éclairs", "zabaions", "fondues", panquecas, "estrudels" e muitas outras iguarias. lançamento da *Civilização Brasileira*, 282 páginas, Cr\$ 220.

OS MAIS VENDIDOS DA SEMANA

FICÇÃO

- 1 — *O Grande mentecapto*, *Fernando Sabino*, *Record* (4)
- 2 — *Farda, fardão, camisola de dormir*, *Jorge Amado*, *Record* (13)
- 3 — *Alternativa do diabo*, *Frederick Forsyth*, *Record* (6)
- 4 — *Proteu*, *Morris West*, *Record* (11)
- 5 — *Colapso*, *Arthur Hailey*, *Record* (23)

NÃO FICÇÃO

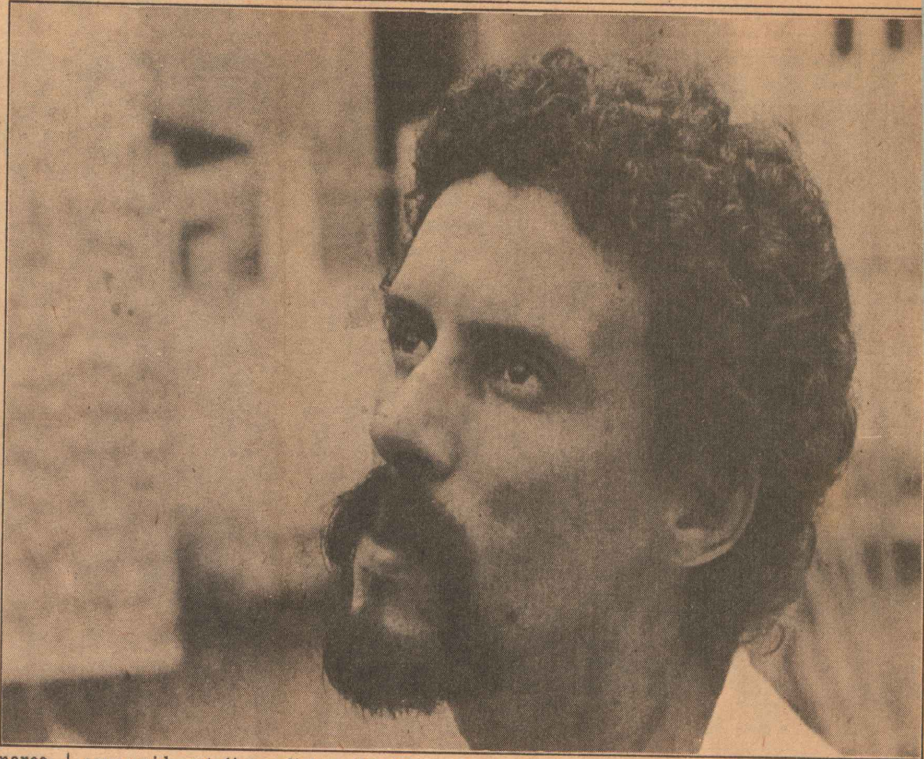
- 1 — *A mesa do jantar*, *Laurita Mourão*, *Nórdica* (7)
- 2 — *O que é isso, companheiro?*, *Codecri*, (9)
- 3 — *A revolução e o governo* *Costa e Silva*, *Jaime Portela de Melo*, *Guavira* (1)
- 4 — *Genocídio americano: a Guerra do Paraguai*, *J.J. Schiavenato*, *Brasiliense* (29)
- 5 — *Guerra de guerrilhas no Brasil*, *Fernando Portela*, *Global* (12)

Os dados para esta pesquisa foram colhidos nas livrarias *Eldorado/Nórdica* (Copacabana); *Taurus* (Leblon); *Entrelivros* (Leblon); *Ipanema*, *Copacabana* (três), *Lido e Botafogo*; *Eu e você* (Copacabana); *Globarte* (Copacabana); *Muro* (Ipanema); *Agir* (Centro); *Record* (Copacabana). Entre parêntesis o número de semanas que o livro figura na lista.

Divirta-se



A garra e a energia de Gonzaguinha. No melhor show do ano.



Quase todos os dias de 1979 foram marcados por alguma música ao vivo em nossas salas de espetáculos. Foi, decididamente, o ano dos recitais. Show, que é bom, teve muito pouco. Este ano, os artistas preferiram-se arriscar em curtas apresentações de, no máximo, quatro dias. Poucos se arriscaram em longas temporadas e o que foi mais bem sucedido ficou quase um mês em cartaz. E durante esse quase um mês, Lufs Gonzaga Jr. lotou todas as apresentações do seu **Gonzaguinha da Vida**, no teatro Procópio Ferreira. Foi o melhor show do ano, revelando um artista que, seguindo a filosofia de sua música, explodiu no palco com uma garra e uma vitalidade transbordantes de energia.

Martinho da Vila, Ivan Lins e Maria Alcina também fizeram longas temporadas. Nada de marcante, porém. Já Maria Bethânia voltou a fazer um show maravilhoso na sua

concorrida estréia paulistana. **Vinícius e Toquinho** também comemoraram seus 10 anos de parceria com um show plenamente justificado. Nada, porém, foi tão justificado quanto **Bons Tempos, Hein?**, o espetáculo de Millôr Fernandes que o MPB-4 apresentou com muito brilho no Taib. Foi o verdadeiro show da temporada, com uma linguagem teatral, surpreendentes efeitos de luz, lucidez de crítica e uma ótima atuação do quarteto vocal que sempre se identificou com Chico Buarque, mas que acabou assumindo sua própria personalidade.

O ano de 1979 também teve sua versão de Projeto Pixinguinha, que só não foi uma pobreza total porque apresentou algumas pessoas extraordinárias, como Paulo Moura e seu sax, Célia e sua voz perfeita e Zezé Motta, a nossa nova estrela, num momento mais que exuberante. Houve também muito contágio

no show que comemorou os 10 anos de existência dos Novos Baianos e no show que comemorou o lançamento do segundo disco de Zé Ramalho.

Os shows internacionais foram vários, mas somente um fica na memória, por sua empolgação e qualidade. Foi o **Liza in Concert**, que a extraordinária Liza Minnelli apresentou numa curtíssima temporada no Anhembi, o mesmo espaço escolhido para ser a sede da fracassada tentativa da Tupi em reviver os festivais da década de 60. Pena, mesmo, é que um balanço dos melhores shows do ano realizados em São Paulo não possa apontar **Gal Tropical** como os melhores do ano. Essa maravilha, por enquanto, ainda é privilégio da platéia carioca, onde o show está em cartaz há mais de um ano. Mas ainda há a possibilidade de que **Gal Tropical** venha a ser o melhor show paulistano de 1980.

WLADIMIR SOARES

CORTINA BLACK-OUT

A cortina feita para quem gosta sempre de dormir mais um pouquinho.

OSTROWER COM. E IND. LTDA.



Rua Marquês de Abrantes, 178
Loja D.
Tels: 266-7775
266-3068.

O TECLADO - PIANO BAR

ANEXO RESTAURANTE LES TEMPLERS

JOHNNY ALF e AUREA MARTINS

Av. Borges de Medeiros, 3.207 - Lagoa
Para REVEILLON reservas P/Tel. 266-1901

CIRROSE BAR
de vinicius de Moraes
Restaurante e música ao vivo
Aberto de terça a domingo a partir das 20 horas
Rua Paul Redfern, 44 - Tel.: 227 / 2212 - Ipanema



CANEÇÃO
APRESENTA
SIMONE

SOMENTE ATÉ 6 DE JANEIRO

Grande orquestra Direção: Flávio Rangel.
Direção musical: Nelson Ayres Reserve com antecedência sua mesa para escolher o melhor lugar.

Serviço de bar e restaurante a partir das 20 h. 4.ª e 5.ª: 21,30h. 6.ª e sáb.: 23,30h. Dom.: 20,30h.

Inf.: 295-3044*295-1047*295-9796.

INGLÊS

AOS

SÁBADOS
ÁUDIO VISUAL
INTENSIVO

ÀS 7, 10, 13 e 16h



CURSOS ESPECIAIS
PARA EMPRESAS
Solicite informações.

Pres. Vargas, 509/16º
222.5921 224.4138
L. Machado, 29/317
265-5632 - 285-0530
Conde de Bonfim, 297/2º
264-0740 - 284-0842
Não cobramos matrícula.

**REVEILLON É NO
DINABAR**

DIREÇÃO DOS MAITRES TONINHO E CHICO
AV. SERNAMBETIBA B. TIJUCA - RES.: 399-0282 e 399-1915



EMBRATUR APRESENTA

**ROBERTO
CARLOS**

E SEU CONJUNTO
no NOVO AUDITÓRIO DO
RIOCENTRO

HOJE E AMANHÃ -- INÍCIO ÀS 21 Hs.
E DOMINGO -- INÍCIO ÀS 19 Hs.
no GINÁSIO CAIO MARTINS (NITERÓI)

Ingressos à venda: Shopping Casino Atlântico, Guanatur Turismo
(Cocacabana), Teatro Municipal (Rio), Maracanãzinho,
RioCentro e Ginásio Caio Martins e Lojas A Samaritana (Niterói).

**REVEILLON
É NO
CANEÇÃO**

HÁ 12 ANOS O MAIS ALEGRE DO RIO.
2 ORQUESTRAS SOB A BATUTA DO MAESTRO
FORMIGA.

MÚLATAS, RITMISTAS E MUITO CARNAVAL.

INF.: 295-3044 * 295-1047 * 295-9796

NOVAMENTE A PEDIDOS
IVAN LINS, A NOITE.

Direção musical: Gilson Peronazetta * Roteiro e direção: Paulo Albuquerque
Produção: Gilberto Martins

APENAS HOJE, AMANHÃ E DOMINGO, ÀS 21.30 HS.
PREÇO ÚNICO C\$ 150,00

GINE SHOW MADUREIRA

Rua Carolina Machado, 542 - Inf. 359-8266 (Ao lado do Disco)



REVEILLON NO CLUB 21

Você está convidado a romper o ano ao som de Osmar Milito e seu espetacular conjunto.

Ceia completa, uma garrafa de scotch para 4 pessoas.

A meia-noite, champagne para todos. Preço por pessoa 2.000,00

Reservas: 286-8338

CLUB

21

R. Maria Angelica, 21
Jardim Botânico

ESPECIAL
DOMINGO JORNAL DO BRASIL

